

Danilo Miranda

Diretor regional do SESC-SP

“Mário de Andrade foi o primeiro grande gestor cultural do país. Criou parques infantis, aliando cultura e esporte – o fundamento do SESC até hoje”.

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron no dia 30 de junho de 2010, em São Paulo.

Danilo Miranda

Danilo Miranda é diretor geral do Serviço Social do Comércio São Paulo (Sesc-SP) desde os anos 80. É dele a responsabilidade de administrar uma equipe de seis mil pessoas nas cerca de 30 unidades do estado e um orçamento que ultrapassa R\$ 300 milhões por ano. O Sesc integra o Sistema S junto a 10 entidades de direito privado, que sobrevivem custeadas por contribuições sociais recolhidas atualmente pela Receita Federal.

O Sesc hoje é uma dos grandes focos de produção e fomento à cultura. Seu conceito de bem-estar, aliando atividades culturais ao esporte, é a base do trabalho das unidades. Danilo Miranda reconhece uma inspiração nas ações do próprio escritor modernista Mário de Andrade. “Ele criou os parques infantis, aliando a atividade cultural propriamente dita – biblioteca, teatro – à questão física, esportiva, com piscina e com quadra. Isso é o que fundamenta a nossa proposta no Sesc até hoje”.

Danilo é formado em filosofia e ciências sociais e fez especializações na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas e no Management Development Institute, de Lausanne, na Suíça. Como administrador da cultura, explica: “Se você mais acerta do que erra, provavelmente a instituição acaba ganhando uma projeção, um resultado positivo. O segredo é saber trabalhar com as tensões permanentemente, porque acredito que a tensão gera energia”.

Como você começou a trabalhar com cultura?

Entrei no Sesc em 1968, como orientador social, que era um cargo que lidava com várias temáticas e questões, entre elas a cultural. Tenho uma formação muito aberta, genérica e ligada às humanidades e às artes. Do primário à faculdade, fui ligado ao mundo da cultura. Arte, cinema, espetáculos em geral, leitura e música sempre fizeram parte do meu universo pessoal, familiar, matéria fundamental de consumo diário. Fui aluno de padres jesuítas, que são reconhecidos pela formação intensa e rigorosa que propõem. Era leitura, muito estudo e reflexão. Aprendi a pensar desde pequeno, a ter muita variedade de informação à volta. Sobretudo, a ter conhecimento dos clássicos, tanto do ponto de vista das humanidades quanto das artes – os clássicos da literatura universal, os grandes nomes da literatura grega, latina, que para a civilização ocidental são fundamentais. Mais tarde, tive contato com os clássicos da música, da literatura mais moderna. Na adolescência e no início da fase adulta, a cultura brasileira entrou de maneira muito intensa, sobretudo a literatura e o cinema, e também as artes visuais. Ao entrar no Sesc, percebi que conseguiria conciliar meus interesses em uma instituição que valorizava isso. Nos anos 60

e 70, a arte brasileira teve um significado muito importante, com uma proposta contundente frente à realidade do país. A música popular do período tinha a ver com uma atitude de rebeldia, de protesto. Entrei no Sesc para realizar de alguma forma aquilo que eu imaginava para o meu futuro profissional. Vi que poderia realizar um trabalho mais contundente e profundo, utilizando toda essa informação, esse conhecimento e esse tipo de interesse.

Como foi essa virada institucional do Sesc nos anos 70?

O Sesc sempre foi, desde sua origem, ligado ao bem-estar social. Entendia essa questão de uma maneira abrangente e completa. É uma instituição criada no decorrer dos anos 40 do século passado, visando, sobretudo, atender a categoria profissional dos trabalhadores da área do comércio e serviços. Esse era o objetivo, da mesma forma que o do Sesi era atender os trabalhadores da indústria. Em um programa de bem-estar social você tem uma amplitude vasta de ações, desde questões ligadas à saúde e educação básica até lazer, esporte e cultura. A partir de uma visão estratégica interessante que evoluiu e se desenvolveu, o Sesc foi optando por um conceito abrangente. Isso tem a ver um pouco com o que defendo hoje como política governamental para a educação e para a cultura. A minha tese é mais ou menos a seguinte: se você atacar completamente um plano de educação e cultura para população, você capacita essa população a evoluir. E não apenas nessas áreas, como também em saúde, transporte e habitação. Ou seja, a buscar suas soluções em todos os demais campos, coisa que não acontece se você atender apenas aos aspectos sociais. Por isso, defendo a cultura no sentido amplo, para além da arte e do espetáculo. Citando diretamente uma questão básica do país hoje: o Bolsa Família. É importantíssimo, mas a não terá a menor condição de atender a necessidade da população no médio e longo prazo se não vier acompanhada de um processo de educação e de cultura. A cultura tem a ver com a educação permanente, que não é só a escolar, mas a educação do dia-a-dia.

Quando foi secretário de Cultura de São Paulo, o modernista Mário de Andrade montou os parques infantis que juntavam teatro e piscina. Isso tem a ver com os equipamentos contemporâneos do Sesc, criados nos anos 70 e 80. Isso combina?

Tem tudo a ver. O Mário de Andrade realmente foi um proponente fundamental. Eu o considero o grande patrono da cultura brasileira. Ele esteve presente na Semana de 22, juntamente com Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e uma série de figuras importantes. Foi um evento basilar que marcou

a inauguração da cultura autóctone, da cultura verdadeiramente brasileira. Além de artista, escritor e pensador, Mário de Andrade é proponente e o primeiro grande gestor cultural desse país. Trabalhando no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, ele cria esses parques infantis, aliando a atividade cultural propriamente dita – biblioteca, teatro, enfim, uma ação cultural significativa – à questão física, esportiva, com piscina e com quadra. Isso é o que fundamenta a nossa proposta no Sesc até hoje. Às vezes, estrangeiros visitam as nossas unidades e se espantam um pouco, dizendo: “Vocês têm esporte aqui, além de atividade cultural?”. Na realidade, temos um interesse no público que vai fazer uma ou outra coisa. E muita gente vai para as duas. Por quê? Porque nós somos uma instituição voltada para o bem-estar social. Hoje, é o que chamamos de qualidade de vida e educação permanente.

De onde vem e o que é essa ideia do animador cultural?

Como eu falei, entrei no Sesc em um quadro chamado orientador social. Era uma figura que não existia no mercado. O recrutamento na época era feito por um anúnciozinho de jornal que dizia: “Pessoas com algum tipo de experiência, que tenham uma formação razoável, boa comunicação e sejam interessadas em assuntos do campo social e cultural”. Não se exigia nenhuma qualificação específica. A seleção pela qual passei naquele período – e pela qual passam até hoje todos os que entram no Sesc – é um processo de verificação do potencial, da capacidade de crescimento e de desenvolvimento do indivíduo. Naquela época, o orientador social ia trabalhar no interior, lidando com atividades esportivas e culturais, mobilizando a população. Aquele profissional evoluiu para o animador cultural. É o indivíduo que estimula a população e a sociedade a desenvolver o seu interesse no campo cultural. Não é necessariamente um professor de literatura ou um professor de cinema. Não é um cara que vai lá ensinar, dar aula. É a pessoa que vai estimulá-lo ao pensamento, à reflexão, ao debate, e assim por diante; essa é a ideia da animação. Isso tem a ver com uma proposta dos anos 50 e 60 que revolucionou um pouco a ação cultural na França. Mais importante do que os eventos ou a programação cultural propriamente dita é você oferecer uma proposta permanente de reflexão, em torno daquilo que as pessoas têm à disposição. Abro um parêntese importante aqui em relação a todo nosso país. Tivemos um desempenho econômico extraordinário ultimamente ao crescer, desenvolver e melhorar a vida das pessoas, tanto nas classes C e D, quanto em outras categorias. As pessoas têm acesso ao que não tinham antes. No entanto, o desenvolvimento econômico esvaziado do desenvolvimento cultural é escola

de fascismo. A frase não é minha, mas acho fundamental. E explico melhor. Se você tem uma sociedade na qual as pessoas têm acesso em grande escala aos bens materiais, mas sem uma proposta de reflexão sobre problemas sociais, diferenças de classe e questões culturais e comportamentais, você forma uma sociedade absolutamente rejeitadora da diferença. É uma sociedade que impede a entrada do forasteiro. E isso se observa em alguns lugares. A cultura é fundamental para transformar a sociedade brasileira e a ajudá-la a evoluir, não apenas do ponto de vista econômico, mas também educacional e culturalmente. Isso é indispensável. A história daquela moça [*Geisy Arruda*] que foi hostilizada em uma universidade, por causa da roupa que estava vestindo, é absolutamente sintomática para mim. E isso aconteceu em que lugar? Na cidade “mais evoluída” e progressista do país.

Como pensar em cultura nos países em desenvolvimento? Quando uma instituição enorme como o Sesc São Paulo vai fazer seu planejamento, em que vocês pensam? O que é preciso mudar na cultura?

Essa é uma questão bastante ampla, porque traz elementos e considerações de ordem mundial, de ordem globalizada. Estive agora na cidade de Hong Kong e percebi dois movimentos muito interessantes por lá. De um lado, uma presença exacerbada de uma sociedade do consumo. Não quero fazer considerações tiradas apenas de observações de alguns dias, mas Hong Kong me dá a impressão de ser um imenso shopping center, uma cidade regida pelo consumo. Hong Kong é uma China ainda ocidentalizada, aquela que está saindo do controle europeu, inglês e passando para o controle chinês. Do outro lado, percebo claramente um esforço descomunal para se ter uma presença forte da cultura: novos museus, modernos, superavançados, com tecnologia de primeira linha. Para nós, pensar no Brasil significa projetar essa realidade – e São Paulo é um pouco representativa disso. A cidade é cada vez mais um centro onde questões ligadas a todo tipo de serviços estão presentes, seja no campo da área financeira, da área comercial, mas também no campo da cultura ou no campo da saúde. São Paulo avança muito na linha dessa prestação de serviços para o país inteiro, para América Latina e para o mundo. Nós do Sesc, que estamos planejando o futuro da instituição, temos que pensar permanentemente no crescimento da cidade, do estado e do país. Na nossa visão estratégica, precisamos acompanhar essa expansão, por exemplo, colocando mais equipamentos à disposição da população. Isso está acontecendo na cidade de São Paulo: cinco novas unidades estão planejadas para os próximos três ou quatro anos. Uma delas, o Sesc Belenzinho, passa por uma reforma para

se tornar um equipamento fantástico, maior que a unidade Pompéia, com três teatros e uma piscina gigante. Temos mais quatro unidades sendo construídas em São Paulo: duas mais avançadas (Santo Amaro e Bom Retiro) e duas que deverão se desenvolver (Avenida Paulista e 24 de Maio). Ainda temos planos imediatos para a Grande São Paulo, em Osasco e Guarulhos, e para o interior. Do ponto de vista conceitual, nós percebemos que a ampliação do conhecimento e a educação permanente estão mais presentes no interesse da população, sobretudo nos mais jovens. Ampliamos as nossas mídias, aumentando nossa presença na rede, na televisão, editando materiais sonoro, visual e impresso, enfim, desenvolvendo um trabalho que possa atingir cada vez um número maior de pessoas. Sabemos que nossa ação tem um caráter essencial para a população. Nós não lidamos com o supérfluo, com a cereja do bolo, que é o que se pensava da cultura antes. Ela tem importância política, econômica e social.

Como é o planejamento para a construção de uma nova unidade?

Primeiramente, nós temos uma opção a ser assumida, que é a localização pura e simples. Depois têm as questões geográficas, de acesso, de facilitação e de necessidade. Vou dar um exemplo. Até pouco tempo, nós não tínhamos nenhuma grande unidade na zona leste de São Paulo. Havia uma em Itaquera, que nós chamamos de unidade campestre, um equipamento mais direcionado para utilização de fim de semana, como temos também na zona sul, em Interlagos. Não é um equipamento que participa do dia-a-dia da vida urbana. Isso clamava por uma solução há algum tempo. Quando nós optamos por montar a unidade do Belenzinho, ocupamos um espaço tão amplo e tão grande – é a antiga fábrica das Indústrias Santistas –, que nós resolvemos levar para lá a nossa sede. A administração do Sesc está na zona leste. Então, a primeira questão ao se montar um novo equipamento é essa, a necessidade. A segunda é: o que fazer nesse espaço? Aí vale a experiência acumulada. Como já temos uma série de equipamentos colocados à disposição, sabemos quais são aqueles que funcionam melhor, os mais adequados, quais são os modelos. Hoje em dia, estamos chegando em uma concepção de equipamentos mais flexíveis, nos quais você não opta por uma ocupação permanente. Por exemplo, um espaço para atividades cênicas, como haverá no Belenzinho. Além de um teatro permanente normal, com palco italiano (palco e plateia), você vai ter um espaço que poderá ser ocupado de maneira diversa. Poderá ser utilizado para uma exposição, para uma atividade de música, de dança ou de teatro.

Vamos evoluindo, avançando. Existem determinados tipos de equipamentos, que, no passado, nós não dávamos tanta atenção; hoje, damos mais. Outro equipamento importante, por exemplo, são os nossos telecentros, ou internet livre, que é a concepção que nós temos do trabalho ligado à rede. Oferecemos em todas as nossas unidades um número de terminais à população, sem custo nenhum e visando sobretudo facilitar a vida das pessoas para que tenham acesso à rede e aprendam a utilizar melhor as novas tecnologias. Trata-se de uma espécie de telecentro, mas com uma programação e uma proposta, com uma ação de monitores permanentes. Há uma evolução natural. Por exemplo, você pode planejar alguma coisa agora e, no decorrer dos próximos anos, perceber que uma outra realidade surgiu; então será preciso adaptar sua ação. Nosso projeto tem dinamismo, o que às vezes cria muitos problemas para os arquitetos e construtores. Para nós, a arquitetura não é apenas a criação de um lugar, é programa, precisa ser propositora. A arquitetura tem que entrar como sócia, como parceira da instituição na realização de um projeto. Ela tem que atuar de uma forma que vá além da simples criação do espaço.

No Brasil, como deveria ser pensada a formação dos profissionais da cultura, tanto do gestor quanto do técnico? Como é a formação de pessoal dentro do Sesc?

Em relação à formação, que eu considero necessária, acho que há uma questão educacional geral, no Brasil, que resulta em uma desvinculação, uma separação, entre o que é oferecido e o que é exigido no mercado. Isso vale para a área cultural e para muitas outras áreas, portanto, existe uma necessidade premente de analisar todo campo educacional brasileiro, voltado às necessidades reais. Tenho visto muita experiência interessante nesse campo, e em todos os níveis, seja na administração, na gestão ou na produção, como também no nível operacional. Sobre nossa experiência, há muito tempo temos uma perspectiva da formação do nosso pessoal. Existe um permanente processo de preparação e desenvolvimento dos nossos quadros para que gestão, coordenação e criação estejam sempre contempladas e desenvolvidas. Mais do que isso, pretendemos oferecer dentro da nossa instituição, aqui em São Paulo, uma proposta de formação de gestores para aprender a lidar com essa realidade. Já iniciamos alguns entendimentos com o próprio Ministério da Cultura. Estamos muito interessados em desenvolver também uma formação de interesse do próprio Sesc, aberto à comunidade, para que possamos ter pessoas que desenvolvam o nosso modo e a nossa maneira de lidar com a questão cultural.

Qual é o modo do Sesc lidar com a cultura?

Noto que existe um entendimento público – até em administrações públicas no âmbito federal – de que a cultura é, sobretudo, vinculada ao mundo das artes e dos espetáculos. Quando muito, está ligada também à memória imaterial e ao patrimônio histórico, que devem ser preservados. São coisas fundamentais para nossa realidade, mas é pouco. Cultura é muito mais. Para mim, a grande questão a ser colocada na mesa, de fato, é a discussão a respeito da centralidade da cultura. Alguém vai dizer: “Mas a saúde também é central, assim como a educação regular ou a justiça”. Tudo bem, mas a cultura tem uma centralidade própria. Tudo que é desenvolvido pelo ser humano, pela mente e pelo engenho humano, seja na criação artística, seja na criação material pura e simples, é cultura. Este é o conceito antropológico fundamental. Não quero dizer que o ministro da Cultura deva ser o ministro mais forte e que ele tenha que decidir tudo. O que eu estou falando é que o ministro da Cultura tem que estar presente na reflexão sobre todos os demais temas que dizem respeito à população, inclusive – isso é quase uma heresia – as questões de ordem econômica. Com toda sinceridade. Quando você discute economia, você está mexendo em valores, está mexendo na cabeça das pessoas. Por exemplo, o lidar com a questão inflacionária, criar uma cultura antiinflacionária no país. Esse tema diz respeito a algo mais do que cuida o ministro ou o Ministério da Fazenda. O pessoal da economia tem a ver com o assunto, mas é preciso entender que a cultura também tem a ver. Isso diz respeito a planos habitacionais, ao controle ambiental, à convivência humana; tem a ver com tudo. Claro, o mundo das artes talvez seja o *crème de la crème* da cultura, o mais refinado, sofisticado e importante. Mas, ao falar de formação, de educação permanente, não me refiro à educação escolar – falo da educação que está antes, durante e depois da escola. Deve haver um casamento de tal ordem entre o Ministério da Cultura, Ministério da Educação e Ministério da Saúde de modo a centralizar e entender tudo isso de maneira absolutamente orgânica e adequada, independentemente de quem seja o gestor máximo. Não é simplesmente uma junção de pedacinhos de poder. É preciso uma gestão articulada. Imagino como Jack Lang, o grande ministro da Cultura no tempo de François Mitterrand [1981-1995], juntava tudo isso. De fato, ele era uma espécie de “primeiro-ministro da Cultura”. Para dar um exemplo simples, se os setores da saúde, da educação ou da justiça pretendiam fazer alguma mudança que mexesse em valores culturais, o ministro da Cultura estava presente na mesa para decidir, juntamente com os ministros das outras pastas. A França desenvolveu, naque-

la época, um programa de bibliotecas, se eu não me engano, em presídios e hospitais, locais de responsabilidade da saúde e da justiça. O ministro da Cultura estava lá, decidindo junto. É um papel que vai além da questão puramente do seu trabalho, no seu ministério.

Que novos desafios são colocados para as instituições culturais com o surgimento da internet?

Hoje em dia, as mídias colocam à disposição de todo mundo, a qualquer momento, toda a informação adequada, necessária e importante. Até há um certo exagero em algumas áreas, um excesso de bombardeamento em cima das pessoas. Isso acaba desvirtuando, desconcentrando ou impedindo que a pessoa tenha um momento de reflexão mais profundo a respeito da realidade. Enfim, essas áreas que lidam com as novas tecnologias têm um papel absolutamente indispensável não apenas como detentoras dessa tecnologia, mas precisam ser comprometidas com o conteúdo que as mídias transmitem. Muitas vezes tem-se a impressão de que não há compromisso nenhum com o conteúdo que passa dentro delas. E esse comprometimento de conteúdo e forma de mídia deve ser pautado pelo interesse público, por um caráter educativo, por uma visão de Estado. Creio que falta uma visão um pouco mais completa e mais ampla de tudo isso. No Sesc, temos um parque tecnológico bastante avançado, não apenas por capricho, ou porque queremos ser modernos, mas porque eleva a nossa possibilidade de atuar. Quando surgiram os sites, nós logo criamos o nosso, bem precário, sem muita sofisticação. Hoje, temos um portal bastante avançado e com perspectivas de evolução cada vez maiores. Claro que o hardware é importante, e evolui a cada dia, mas o que interessa é o software, o que você põe lá dentro, o que você diz. Então, você tem que trabalhar como instituição. O que preside isso é o interesse público, caráter educativo, a busca da excelência. Essas são as linhas de trabalho: o respeito a todas as tendências, respeito ao ser humano, a valorização do outro, a construção de uma sociedade solidária e a difusão da cultura da paz. Para resumir, a construção de uma sociedade melhor. O Sesc cumpre uma missão institucional importante, porque atua no país inteiro; e, em São Paulo, temos mais responsabilidades, pois é o estado que dispõe de mais recursos, tecnologia e insumos.

Como é o cotidiano da atuação do Sesc São Paulo na área cultural? Existe uma gerência central? Como funciona a programação das unidades?

A cultura nunca funciona de maneira linear. É uma área que tem como característica ser flexível, fluida e com as mais variadas opiniões e manifestações.

Portanto, o nosso processo também não é linear, possui variações. Temos várias maneiras de iniciar uma ação, desde uma proposta que vem de fora, até projetos nascidos dentro do Sesc. Nesses dois extremos você encontra nuances. Dependendo do tipo de linguagem, existem mais ofertas de fora, que são recebidas e aceitas, não realizadas ou aprovadas. No campo das artes cênicas, por exemplo, a maioria das propostas vem de fora, de produtores variados. O Sesc aceita e realiza. Fazemos edital? Não. Edital faz quem dispõe de uma verba relativamente reduzida. As unidades têm verba reduzida, mas o Sesc inteiro possui um volume de recursos maior do que outras instituições. Não quero dizer que nós estamos nadando em dinheiro, não se trata disso. Realizamos um projeto de caráter complementar. Explico: muitas empresas realizam projetos culturais paralelamente à sua atividade essencial – seja ela bancária, fabricação de carro –, e utilizando recursos próprios e benefícios de leis de incentivo. Não é o nosso caso. A ação cultural é a essência da nossa instituição. Para simplificar, é como se fosse o nosso carro, o nosso banco, a nossa operação financeira. Nós estamos cumprindo uma missão institucional, educativa, pública, logo somos diferentes de outras instituições. Na hora de escolher o parceiro de um projeto, pegamos toda a oferta colocada à nossa disposição e fazemos opções livremente, escolhendo esse ou aquele. Agora, grande parte de nossas atividades nos campos da música e das artes visuais surgem de propostas internas que são colocadas em discussão internamente e, depois, realizadas. Acho importante dizer uma coisa em relação ao nosso processo administrativo, que vale um pouco para a administração em geral. Antigamente se falava que gerenciar era administrar conflitos. Nessa expressão tem uma verdade que permanece até hoje. Você está lidando com tensões permanentemente. Ao fazer uma opção, diante de qualquer fato, você está diante de um conflito, no sentido de ter duas ou mais opções possíveis, e de ser obrigado a escolher uma. Isso está muito presente em uma instituição como a nossa: entre o que vem de fora e o que vem de dentro, o que é antigo, o que é novo, o que é centralizado e o que é descentralizado. Enfim, um permanente processo de decisão baseado em insumos conflitantes, no qual é preciso optar por um. Se você mais acerta do que erra, provavelmente a instituição acaba ganhando uma projeção, um resultado positivo. Se acontece o contrário, alguma coisa vai acontecer ali na frente. O segredo é saber trabalhar com essas tensões permanentemente, porque acredito que a tensão gera energia.

Caso você fosse uma pessoa que estivesse iniciando a carreira e quisesse ser animador cultural, que tipo de formação buscaria?

Em primeiro lugar, buscaria a maior quantidade de informação sobre o que está acontecendo à minha volta, em todos os níveis. Hoje eu não me

considero mais uma pessoa tão atualizada, porque, de quando comecei para cá, o nível de exigência se tornou praticamente incontrolável. Agora, para se ter um conhecimento efetivo do que está acontecendo à sua volta, você precisa ter mil antenas à disposição. Antigamente, arte visual era quadro na parede; hoje em dia, se falar isso, rirão na sua cara. Talvez o grande segredo hoje seja “googlar” certo, ou seja, saber onde buscar a informação correta. O que sugiro é, sobretudo, ter a mente aberta e considerar a cultura como algo a problematizar, e não a resolver. O Edgar Morin fala sobre isso com muita clareza: a cultura que não problematiza não é cultura. Esse problematizar ao qual me refiro é provocar reflexão muito mais do que trazer o assunto resolvido, achar que as soluções e as respostas definitivas estão à disposição. Não existe mais resposta definitiva praticamente para nada.

Existe salvação pela cultura?

Claro. Aliás, só existe salvação pela cultura. Sem nenhuma conotação religiosa ou política – que eu abomino –, somente a cultura salva de fato. Eu estou falando de informação, de conhecimento, de valorização da inteligência como a capacidade fundamental do ser humano. O que nos diferencia dos demais seres vivos? É a nossa capacidade de refletir, de ter cultura, no sentido mais amplo possível do termo. Não apenas no sentido de informação, mas no de elaborar, criar, desenvolver, refletir, avançar, entender e conhecer melhor o que está à sua volta. O que falta hoje no mundo político, econômico, social e religioso é cultura, isto é, o entendimento do seu entorno. Essa visão mais ampla e completa é o que falta aos nossos dirigentes, políticos e líderes. Cultura não é informação, é articulação da informação de um modo inteligente.

Você não tem receio que em um país que receberá a Copa do Mundo e as Olimpíadas essas questões possam ficar restritas à instrumentalização da cultura? Dentro da noção de que a cultura salva “os meninos do projeto tal”?

Busca-se muito essa instrumentalização da cultura, às vezes vinculada ao desenvolvimento social, dizendo assim: “Eu tenho um projeto cultural que torna as pessoas incluídas”. Tem muita instrumentalização inadequada. A cultura é indispensável, independente da condição social. A cultura é indispensável para todo mundo. Tem gente que acha que cultura é bom só para pobre – e vai fazer projeto social. Também é importante para rico – é preciso abrir a cabeça desse povo para que entenda melhor a realidade à sua volta. Quando falo cultura, não me refiro somente a arte e a espetáculo. Das manifestações artísticas, teatro é uma das que propõe a maior dose de reflexão

e das que mais provoca. Chega lá e o texto diz: “Meu amigo, você é um fraco, você não entende nada, você não é capaz de entender o que está a sua volta. Abre o olho. Veja o que está acontecendo de fato”. Isso faz o indivíduo se sentir estimulado a pensar e a discutir a realidade. Esses eventos – Copa do Mundo, Olimpíadas e outros –, que vamos viver no futuro na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil todo, são estímulos importantes, mas não podemos reduzir a cultura a isso. Todo reducionismo, para mim, é muito perigoso. Alguém que diz, por exemplo, “temos um projeto cultural significativo, porque nós estamos lidando com teatro na favela”. Bárbaro! Mas isso não é resolver o problema do Brasil; apenas traz a possibilidade de ampliar uma informação, que é importante, mas não é tudo. A discussão tem que ser colocada na mesa de maneira intensa, e a política cultural deve ser assumida como uma política realmente de Estado. Ela não tem que ser do Ministério da Cultura, mas de todos os ministros, e, sobretudo, assumida pela Presidência da República.